

## UM NOVO OUTLOOK

**Roberto Rodrigues\***

Uma das mais interessantes realidades do agronegócio brasileiro tem sido a sustentabilidade da produção agropecuária. Como sabemos, a área plantada com grãos desde o emblemático Plano Collor (de 15 de março de 1990) até hoje aumentou 63%, enquanto a produção cresceu 304%. A esse número, que é resultado da tecnologia tropical sustentável aqui desenvolvida, soma-se outro ainda mais interessante: hoje cultivamos 63 milhões de hectares com grãos em todo o país. Se tivéssemos a produtividade de 29 anos atrás, seriam necessários mais 91 milhões de hectares plantados para colhermos a safra de grãos deste ano. Portanto, não foi preciso desmatar cerrados ou florestas numa área deste tamanho.

Esta poupança de terra se repete para as demais culturas e também para a pecuária. Aliás, nesse último caso, vem ocorrendo redução da área total de pastagens com o aumento da produção de carne bovina.

O Departamento de Agronegócio da FIESP-Deagro, acaba de lançar seu Outlook para o setor, com as projeções de produção e exportação da agropecuária brasileira para 2028. O trabalho mostra uma expressiva e crescente participação de nossos produtos no cenário global, em que soja, milho, açúcar e as três carnes terão aumento de produção ao ano maior do que o mundo todo crescerá. Idem no marketing share de todos, com execução da soja, com uma pequena redução do share até 2028.

Tudo muito positivo, dependendo, é claro, dos cenários interno (com os ajustes indispensáveis nas contas públicas, com as reformas prometidas) e externo (com a definição da "guerra comercial" entre Estados Unidos e China e seus efeitos no comércio global).

Mas alguns dados muito interessantes do Outlook ficam em segundo plano, embora sejam muito relevantes.

É o caso das perspectivas sobre uso da terra. O estudo mostra que a área de lavouras (café, laranja, floresta plantada para celulose e papel, mais as lavouras de primeira safra: algodão, arroz, feijão, milho e soja) deverá crescer dos 58,5 milhões de hectares cultivados em 2018 para 66,8 milhões em 2028, um aumento de 8,3 milhões de hectares.

Em compensação, a área de pastagens, atualmente de 181 milhões, deverá cair para 174,5 milhões de hectares, uma redução de 6,5 milhões. Tudo somado, haverá um acréscimo de apenas 1,8 milhão de hectares em toda a atividade agropecuária em 10 anos. É muito pouco.

Por outro lado, se considerarmos todas as safras de grãos, os números são diferentes: dos atuais 60,1 milhões de hectares cultivados, saltaremos para 71,4 milhões, um aumento de 18,7%. Mas a produção destes grãos, hoje de 224 milhões de toneladas, saltará para 313 milhões, um crescimento de praticamente 40%. Isso é o que realmente importa e chama a atenção: não se trata apenas de ocupar mercados e melhorar o share mundial, mas sim de fazê-lo com uma

tecnologia que garanta qualidade e sustentabilidade na disputa com outros competidores.

Resta resolver alguns gargalos que ainda perturbam nossos horizontes, como é o caso da dependência de fertilizantes. Em 10 anos ainda precisaremos importar 85% de todo o NPK que consumimos aqui. É muito! E não podemos mais correr o risco de acidentes de percurso como o tabelamento dos fretes...

**\* Coordenador do Centro de Agronegócio da FGV e Embaixador Especial da FAO para as Cooperativas.**